

# **O Quilombo urbano como uma experiência transformadora na construção da consciência étnico racial brasileira**

Aline Karina de Araújo Dias<sup>1</sup>

## **RESUMO**

Este relato vivencial tem por objetivo, sob a abordagem da história de vida, e análises em fontes bibliográficas de intelectuais negros, compreender como o quilombo urbano pode ser uma experiência transformadora na construção da consciência étnico racial brasileira. Para isso, uso o conceito de escrevivências, de Conceição Evaristo. Nessa vivência trago o meu relato de afro-brasileira sobre os apagamentos étnicos raciais cometidos pelos grupos hegemônicos colonizadores, fruto do processo de eugénias decorrentes da colonização europeia. A partir da minha própria experiência, produção de conhecimento e de fontes referenciais de vários intelectuais negros, principalmente o quilombola Antônio Bispo dos Santos, construo e ressignifico a narrativa do quilombo não só enquanto um território para abrigar negros fugidos, mas para fomentar a construção da consciência étnico racial brasileira, a luta de direito à terra, reconhecimento de nossas ancestralidades diaspóricas e afirmando nossa presença não só em uma perspectiva rural, mas enquanto existência urbana e cosmopolita. Assim, descrevo algumas ações desenvolvidas por mim e demais gestoras da Casa Akotirene, um quilombo urbano localizado na região administrativa Ceilândia Distrito Federal.

**Palavras-chave:** Quilombo. Negra. Brasileira

## **INTRODUÇÃO**

Nós, povos pretos, pardos, amarelos, indígenas e negros no Brasil, frutos de um processo forçado de miscigenação e do roubo étnico cometido pela raça “hegemônica”, nos perdemos em vários mitos criados. Como a falsa ideia de democracia racial, os modelos de ordem e progresso, que revelam obscuridades e avanços de pequenos grupos capitalistas que mantêm o controle social, prejudicando grande parte da população brasileira, principalmente a negrindia.

---

1

Bacharel em turismo pela Universidade de Brasília, mestranda em preservação do patrimônio cultural do Instituto do patrimônio histórico e nacional- IPHAN. Idealizadora do projeto @sebasturistica, que fomenta o turismo de base comunitária em São Sebastião DF, empresária do @circuitocerradoecoturismo, empresa que trabalha com o turismo da experiência em comunidades tradicionais, responsável pelo projeto #Turismo Fora do Avião, que busca fomentar e desenvolver o turismo social nas regiões administrativas do Distrito Federal, uma das gestoras da @casa.akotirene, um quilombo urbano localizado na Ceilândia DF, que existe por meio da organização do @afromanas, organização política a qual idealizou. E-mail: Alinek8@gmail.com

Em consonância com Conceição Evaristo que compreende a importância da nossa escrita em primeira pessoa, no que ela chama de “escrevivência” – uma escrita que relata nossas vivências, experiências e relatos cotidianos que revelam minha identidade afro-brasileira. Nisso é importante compreender sua biografia como um marco importante na construção de nossas subjetividades:

Maria da Conceição Evaristo de Brito nasceu em Belo Horizonte, em 1946. De origem humilde, migrou para o Rio de Janeiro na década de 1970. Graduiu-se em Letras pela UFRJ, trabalhou como professora da rede pública de ensino da capital fluminense e da rede privada de ensino superior. É mestre em Literatura Brasileira pela PUC-Rio. (EVARISTO, CONCEIÇÃO, 2006. pg 621)

Essa grande intelectual é fonte de inspiração e sua trajetória a coloca como uma das personalidades negras mais importantes do Brasil. Suas contribuições forneceram-me elementos essenciais para prosseguir minha jornada acadêmica, e desde então, venho me inspirando na sua metodologia. Assim, Conceição Evaristo, desenvolveu a metodologia da escrevivência, por meio dos sinais fornecidos por três elementos formadores - corpo, condição e experiência: De acordo com (EVARISTO, Conceição, 2006).

O primeiro elemento reporta à dimensão subjetiva do existir negro, arquivado na pele e na luta constante por afirmação e reversão de estereótipos. A representação do corpo funciona como ato sintomático de resistência e arquivo de impressões que a vida confere. O segundo elemento, a condição, aponta para um processo enunciativo fraterno e compreensivo com as várias personagens que povoam a obra. A experiência, por sua vez, funciona tanto como recurso estético quanto de construção retórica, a fim de atribuir credibilidade e poder de persuasão à narrativa. (EVARISTO, CONCEIÇÃO, 2006. pg 621)

A partir desses três elementos compreendo que trago na minha pele, na minha subjetividade e vivência a marca de uma afro-brasileira que com muito axé, força e amor venho construindo projetos que enaltecem e valorizam nossas identidades enquanto povos brasileiros, apesar de suportar as provas cotidianas das opressões e do racismo institucional e estrutural que a todo momento testam a nossa saúde mental.

Nessa complexidade de identidades historicamente apagadas no Brasil, junto-me as outras intelectuais negras. De acordo com a agência Brasil, a população brasileira é formada basicamente de pardos e brancos. Somos 95,9 milhões de pardos representando 46,7% do total. Dessa forma, afirmo a importância da compreensão do termo negritudes, enquanto uma posição política, devido ao colorismo e esse apagamento histórico que nos colocou em terríveis estatísticas.

O termo negritudes e etnicidades abarcam melhor a rica diversidade negrindia no Brasil, reconhecendo que nós povos afro-brasileiros, herdamos conhecimentos, saberes e ancestralidades do continente africano. Somos negros em diáspora e nessa perspectiva ressignifico minhas dores estando ligada a umbanda, pois compreendo que nossa rica diversidade e pluralidade é melhor valorizada nessa religião. De acordo com a Federação Nacional de Umbanda:

A umbanda é francamente sincrética com o cristianismo e o espiritismo kardecista. Os subúrbios do Rio de Janeiro possuem grande quantidade de terreiros ou barracões de umbanda. O culto afro-brasileiro toma o nome de pajelança na Amazônia, babacuê no Pará, tambor-de-mina no Maranhão, xangô em Alagoas, Pernambuco e Paraíba e batuque no Rio Grande do Sul (Federação Nacional de Umbanda)

A partir da visão da federação nacional de umbanda, percebe-se que os cultos afro-brasileiros são multiculturais, pluriétnicos e na umbanda temos a junção de vários símbolos religiosos, por meio do culto aos orixás. É necessário compreender que as nações do Candomblé são as mais antigas e cultuam os orixás há muito mais tempo, mas em uma perspectiva territorial brasileira devido ao colonialismo e sincretismo religioso, a umbanda incorporou vários elementos que compõem nossa religiosidade. De acordo com Pedro Ivo, especialista em educação para os direitos humanos na diversidade cultural –UnB, em seu artigo sobre o *Tambor de mina- encantaria maranhense, história e memória* (2019), reflete sobre as várias entidades, os exus, pomba-giras, caboclos, boiadeiros e pretos-velhos, entidades do culto da umbanda que compõem nossa rica diversidade em favor da construção de nossas identidades étnicos raciais:

Na Mina, os “encantados” tratam-se, na verdade, de espíritos de pessoas que viveram, mas não morreram; “encantaram-se” nas terras do Maranhão, usualmente estrangeiros em viagem ao Brasil e que tiveram suas embarcações naufragadas nas encostas do estado. São compostas por encantados que um dia foram reis, rainhas, príncipes e princesas; fidalgos, caboclos da mata negros e indígenas (SILVA, PEDRO, 2019. Pg. 5)

Ainda Sobre a Umbanda é preciso compreender que são cultuados nove orixás: Oxalá, Ogum, Oxossi, Xangô, Iemanjá, Oxum, Iansã, Nana Buruquê e Obaluaê/Omulú. Esses orixás representam as chamadas sete linhas da umbanda, que simbolizam os elementos da natureza, que coincidentemente refletem os sete dias da semana. De acordo com a tabela:

# Umbanda- Orixás



Fonte: girasdeumbanda

ORIXÁ	REPRESENTAÇÃO	DIA DA SEMANA	CORES	SINCRETISMO
OXALÁ	Paz	Sexta ou Domingo	Branco	Jesus Cristo, N.Sr do Bonfim
OGUM	O Guerreiro	Terça	Vermelho	Em São Paulo é São Jorge-na Bahia é Santo Antônio
OXOSSI	O caçador	Quinta	Verde	São Sebastião Umbanda-São Paulo e Rio de Janeiro-Candomblé São Jorge
XANGÔ	O Rei -Trovão	Quarta	Na umbanda marrom no candomblé vermelho e branco	São Jerônimo
Iemanjá	Rainha do Mar	Sábado	Azul Claro	Nossa senhora da glória RJ-Nossa senhora dos navegantes no RS e BA e nossa senhora da Conceição em SP
Oxum	O ouro	Sábado	Azul escuro/rosa umbanda amarelo ouro candomblé	Nossa senhora Aparecida e Nossa Senhora da Conceição
Iansã	A tempestade	Quarta	Amarelo umbanda Vermelho candomblé	Santa Bárbara
Nana Buruquê	Sabedoria	Terça	Roxo	Santa Ana
Obaluaê	A passagem	-	Preto, vermelho e branco	São Lázaro

Figura 1: Informações sobre o culto das divindades.

E nisso temos as entidades que são espíritos classificados de acordo com suas características:

- **Exus e Pombagiras:** são mensageiros dos orixás (exu é o masculino, e pombagira, o feminino) – há um equívoco na interpretação dessas entidades, pois algumas tradições cristãs associaram-nas ao demônio. O candomblé também trata Exu de maneira diferente, pois, em sua crença, Exu é um orixá, e não uma entidade;

- **Caboclos:** espíritos de índios, tanto guerreiros quanto curandeiros (pajés);

- **Preto-velho e preta-velha:** espíritos de escravos e escravas brasileiros, velhos e sábios;

- **Erês** (crianças): espíritos de crianças, puros e alegres, mas também dotados de alguma sabedoria;

- **Baianos, marinheiros, malandros e boiadeiros:** são entidades das chamadas linhas auxiliares, por algumas vertentes, ou de linhas regionais (a umbanda sofre diferenças de acordo com a localidade em que o terreiro está situado).

Todas essas contextualizações servem como base de significado e de valor representativo para a minha existência. Minha identidade afro-brasileira encontra elementos de representividade na umbanda, pois de acordo com Abdias Nascimento:

O quilombismo propõe esse legado como referência básica de uma proposta de mobilização política da população afrodescendente nas Américas com base na sua própria experiência histórica e cultural. Vai mais longe ainda, e articula uma proposta afro-brasileira para o Estado Nacional contemporâneo no Brasil multiétnico e pluricultural. (NASCIMENTO, 1980, p 48).

Todas essas contextualizações servem como base de significado e de valor representativo para a minha consciência étnica e cidadã. Minha identidade afro-brasileira é constituída por meio da umbanda, pois essa religião na verdade, é bela exatamente pelo fato de ser mista como os brasileiros, por isso é uma religião totalmente brasileira.

Nisso a metodologia de Conceição Evaristo é fundamental nesse processo, pois construo meus processos identitários, a partir do que ela descreve como dimensão subjetiva do existir negro, a condição enuciativa fraterna e as experiências de minhas subjetividades na construção da identidade étnico racial brasileira. Todos esses elementos são fundamentais e essenciais em uma perspectiva de vivência em um quilombo urbano e construção identitária.

Assim, é importante destacar que essas identidades étnicos raciais sofrem um apagamento devido ao processo de colonização. Como lembrou, nosso importante intelectual, Lima Barreto, um grande escritor brasileiro que trouxe a reflexão sobre a eugenia, o processo contínuo de desvalorização dos negros e a tentativa de “embranquecer” a sociedade.

Lima deixou um legado gigantesco na literatura e no jornalismo, um legado marcado pela defesa da negritude e contra a desigualdade social. Devido ao processo de eugenia, ele refletiu sobre as teorias eugenistas defendidas no Brasil numa pseudo-ciência, introduzida nesse território pelo sanitarista Renato Kehl, amigo do escritor Monteiro Lobato, este simpatizante da seita racista Ku-Klux-Klan, dos Estados Unidos. E nisso é importante destacar no que Skifmore apresenta, pois dialoga com essas reflexões de Lima Barreto:

A Teoria do branqueamento social, defendida por teóricos científicista , que pensam como solução para o “atraso” do Brasil como sendo responsabilidade da questão racial e julgavam que promover o branqueamento da população dando origem a uma raça tipicamente brasileira e superior: “ A teoria do branqueamento é aceita pela maior parte da elite brasileira nos anos que vão de 1889 a 1914, era peculiar ao Brasil, baseava-se na presunção branca, às vezes, pelo uso dos eufemismos “ raça mais adiantada” e “menos adiantada” e pelo fato de ficar em aberto a questão de ser a inferioridade nata...Segundo – a miscigenação produzia “naturalmente” uma população mais clara, em parte porque o gene branco era mais forte e em parte porque as pessoas procurassem parceiros mais claros” Skidmore ( 1976.p.81)

No atual cenário político no Brasil, vemos o avanço novamente desse movimento que prega a hegemonia da raça branca, por meio de um governo autoritário, antidemocrático e de extrema direita. Com a volta de movimentos ultradiretistas, ultraconservadores e neofascistas que violentamente pregam o discurso de “culturas puras” e usam elementos identitários de origem europeia disfarçados pelo o “amor” a bandeira verde e amarela brasileira e um patriotismo cego. Assim, é necessário compreender as perversidades cometidas pela raça “hegemônica” e pelas teorias eurocêntricas no Brasil, de acordo com informações da Universidade Federal de Minas Gerais- UFMG:

“Motivados pelo racismo e pela noção vigente de branqueamento populacional, diversos médicos, intelectuais europeus, cientistas, antropólogos e juristas viam na eugenia uma forma de melhorar racialmente o Brasil desde a vinda da família real portuguesa, em 1808.”

Nessa mesma perspectiva o edital equidade racial na educação básica: pesquisa aplicada e artigo científico, 2020, aponta, resultados negativos que infelizmente fazem parte da vivência negra no Brasil, e como esse processo de embraquecimento da raça preta, podem trazer as piores estáticas para a população negra:

Os resultados, de modo geral, reafirmam que o risco de repetência é maior para o alunado negro (Alves; Ortigão; Franco, 2007; Louzano, 2013; Ortigão; Aguiar, 2013) compondo um ciclo que se inicia na exclusão escolar e culmina nas dificuldades de inserção no mundo do trabalho, ciclo este que indica fortes conexões entre as desigualdades de classe, as relações raciais e os processos da escolarização básica”(edital equidade racial na educação básica, 2020.pg 5)

Devido a todos esses processos compreendi a necessidade de me aquilombar com várias irmãs na Casa Akotirene, um Quilombo Urbano na Ceilândia DF, construído e gerenciado por mulheres negras, nossas trajetórias de vida tem vários pontos em comuns, devido aos vários processos de exclusão e apagamentos das lutas históricas dos quilombos no Brasil. Percebemos a necessidade do avanço do quilombo em uma perspectiva urbana, que dialoga com uma visão cosmopolita, mas é necessário destacar que as favelas são os grandes quilombos urbanos, compostos em sua grande maioria pela população negrândia, porém devido ao apagamento existencial, e no que Boaventura de Souza Santos<sup>3</sup>, chama de Epistemicídio, a população não se reconhece pertencente as diversidades étnicos raciais que fazem parte da nossa pluralidade brasileira e o controle

social faz com que com tenhamos lugares de opressão e não de destaque social.

Assim, o objetivo do presente artigo é trazer meus relatos vivenciais e análises bibliográficas de vários intelectuais negros e negros sob a abordagem da história de vida, destacado a metodologia de escrituras de Conceição Evaristo e a obra do intelectual quilombola Antônio Bispo dos Santos. Compreendendo que o quilombo urbano pode ser uma experiência transformadora na construção da consciência étnico racial brasileira no enfrentamento das desigualdades, raciais, sociais e de gênero.

### **Histografia do Quilombo**

Historicamente temos uma visão reducionista do que realmente são os quilombos, na versão contada pelos grupos “hegemônicos”, compreendendo que houve avanços nos estudos, mas o que de fato ficou fixado na memória coletiva da maioria da população, é que os quilombos são somente um território para abrigar povos negros e indígenas, desconsiderando todo o processo de organização social, luta de direitos, e reconexão ancestral:

Em 1740, reportando-se ao rei de Portugal, o Conselho Ultramarino valeu-se da seguinte definição de quilombo: "toda habitação de negros fugidos, que passem de cinco, em parte despovoada, ainda que não tenham ranchos levantados e nem se achem pilões nele". Esta caracterização descritiva perpetuou-se como definição clássica do conceito em questão e influenciou uma geração de estudiosos da temática quilombola até meados dos anos 70, como Artur Ramos (1953) e Edson Carneiro (1957)

A partir dessa visão tem-se a ideia de que o quilombo é um território oculto servindo apenas para o esconderijo e agrupamento de negros e índios sem que haja a valorização humana existente nessa organização. Porém, Antônio Bispo dos Santos<sup>4</sup>, um importante intelectual quilombola, descreve que:

Nego Bispo atualiza esse mesmo tom amplo de resistência negra brasileira, acrescentando aos grandes autores mencionados uma dimensão nova, que faltava, não somente a eles em particular, mas à luta anti-racista brasileira em geral: a sua condição existencial e biográfica de um quilombola — lembrando que o quilombo pode ser considerado o símbolo maior da luta pela terra comunitária e pela liberdade em toda a Diáspora Africana nas Américas ( SANTOS, 2015 pg.8)

---

<sup>3</sup> Boaventura de Sousa Santos nasceu em Coimbra, a 15 de Novembro de 1940. É Doutor em Sociologia do Direito pela Universidade de Yale (1973) e Professor Catedrático Jubilado da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra e Distinguished Legal Scholar da Universidade de Wisconsin- Madison. Por meio do conceito de epistemicídio ele analisa a influência da colonização europeia (branca) e do imperialismo capitalista sobre os processos de produção e reprodução da vida. O epistemicídio é, em essência, a destruição de conhecimentos, de saberes, e de culturas não assimiladas pela cultura branca/ocidental. É um subproduto do colonialismo instaurado pelo avanço imperialista europeu sobre os povos da Ásia, da África e das Américas.

Numa perspectiva institucional, o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária, por esse nome, fica evidente que a nossa tão sonhada luta de direitos em defesa a terra e reforma agrária tem barreiras históricas, administrativas e burocratas gerenciadas pelos grupos ditos ‘hegemônicos’ que desejam nos colocar em uma condição de “condenados da terra”<sup>5</sup>, porém é importante pontuar, que o material do Incra sobre a regularização do território quilombola nos diz:

O termo quilombo é uma categoria jurídica usada pelo Estado brasileiro a partir da Promulgação da Constituição Federal de 1988, visando assegurar a propriedade definitiva às comunidades negras rurais dotadas de uma trajetória histórica própria e relações territoriais específicas, bem como ancestralidade negra relacionada com o período escravocrata. Nesse sentido, há outras terminologias para o termo quilombo, como Terras de Preto, Terras de Santo, Mocambo, Terra de Pobre, entre outros. ( INCRA, 2017. Pg 4)

A partir desse conceito fica evidente que temos assegurados esse direito por meio da nossa constituição democrática e cidadã. É necessário levar em consideração que o quilombo é um território de resistência, histórico, ancestral, cultural, ambiental e econômico permeado de símbolos, significados e modos de vida que são praticados nesse território que valorizam as subjetividades e diversidades dos demais povos formadores da sociedade brasileira.

E nesse ponto, é importante refletir numa consciência étnico racial que vá para além dos limites do “quilombo rural” e atinja uma valorização cosmopolita.

---

<sup>4</sup> ANTÔNIO BISPO DOS SANTOS, o NÊGO BISPO, nasceu em 10/12/1959, no Vale do Rio Berlingas, antigo povoado Papagaio, hoje município de Francinópolis/PI. É lavrador, formado por mestras e mestres de ofícios, morador do Quilombo Saco -Curtume, localizado no município de São João do Piauí/PI, semiárido piauiense. Ativista político e militante de grande expressão no movimento social quilombola e nos movimentos de luta pela terra, Nêgo Bispo é, atualmente, membro da Coordenação Estadual das Comunidades Quilombolas do Piauí (CECOQ/PI) e da Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas (CONAQ).

<sup>5</sup> A obra “Os Condenados da Terra”, escrita por Frantz Fanon e publicada originalmente em 1961, trata da colonização e seus efeitos devastadores - por exemplo, na saúde mental - sobre o homem e as nações do Sul, mas aborda, principalmente, o *processo histórico* de descolonização do qual o autor era um expectador crítico.



## **Importância das Intelectuais Negras e Negros**

Partindo dessa visão é importante relembrar a luta de intelectuais negros como Abdias Nascimento, em Quilombismo, que produziu o memorável manifesto, dialogando com todo um plano político e espiritual. Assim como os nossos líderes quilombolas do passado, Zumbi dos Palmares, Malunguinho do Catucá, Manuel Congo da região de Campos do Rio de Janeiro, Nego Cosme do Itapecuru do Maranhão, entre tantos outros.

Nesse aspecto é super importante valorizar e trazer à tona o protagonismo das mulheres negras nessa construção, a historiadora e intelectual negra, Beatriz Nascimento identificou as territorialidades negras, incluindo a organização dos terreiros de matriz africana e demais espaços coletivos, dos subúrbios e das periferias, como manifestações de quilombo.

Lélia Gonzales, trouxe à tona um pensamento afrolatinoamericano, comprometido com a recuperação dos processos de resistência e insurgência aos poderes estabelecidos, ainda, em sua maioria, ocultos, mas que historicamente foram levados a termo por mulheres negras e indígenas contra o colonialismo e podem servir de fonte de inspiração para ações políticas feministas descolonizadoras.

Assim, numa luta de resistência e valorização do protagonismo das mulheres negras dos quilombos brasileiros, importante citar Dandara, retratada como uma heroína, que dominava técnicas da capoeira e lutou ao lado de homens e mulheres e muitas batalhas. Teresa de Benguela que foi uma líder quilombola, viveu no atual estado de Mato Grosso, no Brasil, durante o século XVIII. Foi esposa de José Piolho, que chefiava o Quilombo do Piolho ou do Quariterêre, entre o rio Guaporé. Aqaltune, avó de Zumbi dos Palmares, princesa no Congo, escravizada no Brasil, Aqaltune foi figura fundamental para a consolidação do Quilombo dos Palmares.

Ressalta-se também a importância de Acotirene, na qual deu nome a um importante mocambo situado no Quilombo dos Palmares, ela exerceu grande influência na vida dos negros quilombolas. Segundo a oralidade passada de pais para filhos que ela foi uma das primeiras mulheres a habitar os povoados quilombolas da Serra da Barriga (AL), antes de Ganga- Zumba assumir o poder. A Matriarca do Quilombo do Palmares, exercia a função de mãe e conselheiras dos/as primeiros/as negros/as refugiados na Cerca Real do Macacos. Era consultada para todos os assuntos, desde questões familiares, espirituais e até questões políticas militares.

Por meio do contato com as histórias dessas matriarcas, dos intelectuais negros, e a minha jornada acadêmica, serviram como fonte de inspiração para eu criar vários projetos. Em 2013, entrei na Universidade de Brasília, sendo a primeira mulher negra da minha família conseguir estudar em uma universidade Federal e de grande prestígio social.

Com muitas dificuldades e acreditando em um futuro que eu pudesse reverter as lógicas de ocupações sociais que sempre foram empregadas as mulheres negras, resolvi estudar e conquistei uma vaga no Centro de Excelência em Turismo da Universidade de Brasília, uma trajetória bastante enriquecedora para o meu processo evolutivo profissional, espiritual e cultural. Nesse período pude compreender a minha existência sendo importante e impactando positivamente as comunidades por onde trilhei minhas jornadas. Nesse período fui presidenta do Centro Acadêmico de Turismo, um período que pude entender a diversidade, o respeito e uma compreensão ampla de estruturas educacionais, políticas, administrativas, culturais e ambientais de uma universidade e impactar positivamente na construção e fortalecimento do turismo enquanto uma ferramenta de transformação social, esse período foi bastante importante para a minha compreensão do meu poder de ação e articulação, minha gestão foi que obtive mais votos durante o período que estive na UnB de 2013- 2017.

Nesse intervalo de tempo, aconteceram no Brasil em 2016 os jogos olímpicos e em 2014 a copa, nessa época eu estava trabalhando na sociedade de transportes coletivos de Brasília, uma empresa estatal do DF, tive a oportunidade de trabalhar com o turismo receptivo levando os turistas para assistir os jogos no Mané Garrincha, me alegrei um poder trabalhar em um evento tão importante e de notoriedade internacional, mas infelizmente tive a experiência de desvalorização e desumanização do meu corpo, enquanto uma mulher negra, alguns turistas me trataram com desrespeito e muitas vezes me definia como objeto sexual.

A partir dessa vivência compreendi que enquanto uma mulher negra no Brasil, uma das melhores formas de conseguir respeito é estudando e ocupando espaços onde que minha voz pudesse ser respeitada, e que eu pudesse sair da condição dos espaços e estatísticas de sub emprego. Idealizei ser empresária, e com isso aproveitei a oportunidade do cursos Pronatec Copa e fiz o curso de agenciamento em viagens pelo o instituto de educação superior de Brasília- IESB, e tive a oportunidade de compreender o ensino voltando para a capacitação técnica.

Nesse mesmo período criei o Circuito Cerrado Ecoturismo, uma empresa que existe desde de 2015, pois a UnB me possibilitou a construção de uma consciência ambiental em favor da preservação do cerrado brasileiro, nisso promovo viagens, através do turismo da experiência com vivências na natureza, valorização cultural e bem estar, reafirmando os valores culturais das comunidades locais tradicionais por meio do ecoturismo e consciência étnico, cultural e racial, porém por acreditar na minha empresa e no grande poder de transformação que ela pode causar, venho seguindo e acreditando em uma oportunidade de poder avançar como empresária, mas infelizmente no Brasil ainda é bem insuficiente os investimentos aos microempreendedores individuais.

Mesmo assim, continuei minha jornada e em 2016, criei o Sebas Turística, um projeto de turismo de base comunitária que visa promover o turismo cidadão na região administrativa de São Sebastião, resgatando o protagonismo e as identidades histórias dessa cidade. A partir disso fiz um mapeamento virtual no “Google Maps” com mais de 100 pontos com possível atratividade cultural, social, ambiental, histórica, espaços públicos, bares e restaurantes, hospedagem, comida de rua, brechós/bazar, transporte e artesanato. Uma das ações do Sebas Turística é a iniciativa de “ Rolê na City”, que já levou mais de 300 pessoas incluindo moradores locais, estudantes de São Sebastião, do Distrito Federal e São Paulo para conhecerem as diversas complexidades e subjetividades apagadas do DF, no qual existem 33 regiões administrativas.

Por meio do turismo criei o projeto #TurismoForadoAvião, que contribui para a descentralização da ideia de Brasília, e tentando fortalecer e visibilizar as outras regiões administrativas que compõem o Distrito Federal, como o Gama Turístico, Samamba Turística, Riacho Turístico, Recanto Turístico em processo de construção de várias outras regiões administrativas que percorrei e conheci, na perspectiva de sempre trabalhar o turismo como uma ferramenta de transformação social.

Nesse período, e nos dois últimos anos finais da minha graduação tive a oportunidade de participar do programa Afroatitude, um programa que se constitui em um conjunto de atividades com o caráter de ações afirmativas destinadas a estudantes negras e negros ingresantes na UnB pelo sistema de reserva de cotas raciais.

Por meio desse programa me envolvi em várias atividades, ações e seminários que são realizadas dentro do centro de convivência negra da UnB, nesse lugar tive a oportunidade de conhecer quilombolas, africanos, indígenas, mães de santos, do candomblé, da umbanda e me envolvi em seminários, eventos, rodas de conversa, saraus, e diversas atividades que fomentam a consciência étnico racial e empoderamento da nossa existência.

Toda essa experiência me permitiu compreender que o maior problema do Brasil são as questões raciais, de gênero e de classe, me envolvi em vários movimentos políticos e reuniões de movimentos sociais e tive a oportunidade de conhecer e compartilhar várias experiências, vivências e trocas culturais. Todo esse conhecimento me abriu portas e oportunidades para conhecer o Brasil, viajei para São Tomé das letras, Ouro Preto Salvador, Chapada Diamantina, Rio de Janeiro, São Paulo, e tive a oportunidade de ir a Cuba para um intercâmbio de trocas e experiências culturais com as mulheres cubanas, e sentir o que nos une é a diáspora africana.

Em 2018 criei o coletivo Afromanas, que surgiu com a necessidade de debater sobre a causa negra em torno da identidade, cidadania, cultura e consciência negra como meio de marcar uma cidadania que respeite e valorize nossa diversidade. Ocupando espaços e se autoafirmando, o Afromanas, se empodera por meio da história, moda, arte música e afeto criando espaços de resistência, estabelecendo narrativas próprias sobre nós mesmas afim de fortalecer uma identidade afro-brasileira, esse luta nos empoderou em busca de encontrar um espaço físico que pudéssemos concretizar nossas ações.

### **Casa Akotirene- Quilombo Urbano como Experiência transformadora na construção da consciência étnico racial brasileira**

A Casa Akotirene, um Quilombo Urbano, que reverencia a construção do Aparelha Luzia, um Quilombo Urbano, em São Paulo, idealizado por Erica Malunguinho, no qual é um espaço para fomentar produções artísticas e intelectuais na capital paulista.

A Casa Akotirene localizada na Ceilândia Norte/DF tem como premissa de conceituação um local de resistência preta, feminina, mulherista e LGBTQI. O espaço físico foi criado no início de 2019, surgindo através da organização de mulheres negras do coletivo Afromanas: Aline Karina, Jusianne Castilho e, Joice Marques, no qual se percebeu a necessidade de um espaço para concretizar ações e dialogar com a comunidade negra local na construção de suas próprias narrativas e desenvolvimento de identidade afro brasileira.



Figura 2- Gestoras Casa Akotirene da esquerda para direita; Aline Karina, Jusianne Castilho e Joice Marques



Figura 3: Evento na Casa Akotirene: Prethais ocupa a a Universidade do Estado da Bahia (Uneb) com a presença da frente mulheres negras do DF e entorno.

Realizamos várias atividades em torno de ações e diálogos com a comunidade negra e periférica local em torno de ações sobre autocuidado, saúde mental, saraus culturais e construções da identidade afro-brasileira, pois compreendemos que o processo de apagamento identitário de nossas existências étnico raciais são consequências de um processo de colonização ideológico eurocêntrico e cristão. De acordo com Antônio Bispo dos Santos no livro, colonização, quilombos modos e significados:

“Bispo enfatiza as resistências concretas a essa ideologia que foram e ainda são promovidas pela maioria do povo brasileiro (negros, indígenas, quilombolas, camponeses e classes populares em geral) sem conceder à violência estatal nenhum perdão decorrente da suposta vantagem comparativa alcançada pela assim chamada "civilização brasileira". Por outro lado, enquanto os cientistas sociais hegemônicos exaltam o sincretismo religioso (afro-católico ou índio- católico, obviamente Bispo opta por mostrar como o Catolicismo promoveu um verdadeiro genocídio cultural, paralelo ao genocídio humano com o qual ele aceitou conviver” ( SANTOS, 2015 pg.11)

Nessa perspectiva a Casa Akotirene surge como um espaço de solução para a construção da equidade racial , compreendemos que a construção da consciência étnico racial brasileira é promovida pelo enfrentamento das desigualdades, raciais, sociais e de gênero, mesmo não concordando com os sincretismos religiosos e o embaquecimentos de muitos dos nossos símbolos, é necessário construir práticas que promovam avanço em favor da justiça social de fato, por meio de iniciativas e ações que a categoria raça seja essencial para a compreensão das relações sociais e dos procesos de desconstruções coloniais.

As principais ações da Casa Akotirene que promovem aprendizados para uma sociedade mais igualitária, construindo experiências decoloniais na construção da consciência étnico racial brasileira são:

- Construção das ações da agenda nacional dos Julho das Pretas. O Julho das pretas é uma agenda a nível nacional da organização de mulheres pretas do Brasil
- Roda de conversa sobre empregabilidade do público LGBTQI+
- Saraus Culturais da Casa Akotirene com apresentação de artistas, vendas de produtos artesanais da casa e microfone aberto em um processo de escuta coletiva da comunidade.
- Realização de eventos por meio de parceiras com a comunidade local para promover a interação no espaço.
- Rodas de Conversas e oficinas para capacitação da comunidade local
- Campanha Casa Akotirene contra o corona vírus que distribuiu alimentos para famílias em vulnerabilidade e realização de encaminhamentos psicológicos.
- Ações de interação afetiva e autocuidado com as membras gestoras e moradores da Casa Akotirene
- Ações de educação ambiental por meio do cuidado com as plantas do espaço, separação do lixo, fabricação de adubo, e manutenção da horta orgânica da casa.
- Encontro de brechós que promove a consciência da venda, troca e compartilhamentos de roupas, acessórios e sapatos.
- Espaço de produção de conhecimentos com pesquisa, produção de artigos científicos, projetos, designer gráfico e aprimoramento de tecnologias sociais.

Dessa maneira, a construção de pensamento étnico racial vem sendo construindo com as iniciativas realizadas pela Casa Akotirene, onde que promovemos a construção identitária de nossas subjetividades. Desenvolvemos uma compreensão não só social, mas coletiva, como uma forma de romper com o controle social, eurocêntrico e individualista, que tem como consequência uma sociedade degradada em todas as suas relações.

É preciso ressignificar, novas teorias, novas práticas, buscando sempre fortalecer nossa cultura brasileira, pois somos diversos, plurais e multietnicos, apesar de ser uma construção desafidora, pois estamos lidando com várias subjetividades individuais e coletivas, compreendemos que a luta coletiva é a única forma de trazer a justiça social a igualdade dos povos que tem seu devido protagonismo e valor para a construção da nação brasileira. É preciso que essa valorização e esse reconhecimento seja feito de maneira real, não podemos mais tolerar a arrogância e a falta de humanidade dos grupos hegemônicos que usam de seus instrumentos burocráticos, institucionais e forças estatais que promovem nosso genocídio e insanidades mentais. Entretanto nossa resistência se afirma na conhecida frase de Conceição Evaristo: “Eles combinaram de nos matar, mas nós combinamos de não morrer”

### **Considerações e Conclusão**

Dessa forma, o presente artigo visou contribuir que a organização dos povos negrindios do Brasil é uma organização histórica, cultural e repleta de significados e afetividades que constroem nossa identidade. Por meio da organização do Quilombo Urbano estamos conectadas, tentando ressignificar os processos de opressões, genocídios e apagamentos da população negrindia, a partir da construção e organização do Quilombo Urbano.

É importante compreender uma perspectiva de quilombo que ultrapasse a visão rural, de um lugar afastado que cause estranhamento carregados de estereótipos e preconceitos. É preciso aprimorar uma visão de quilombo enquanto um território de afeto, autocuidado, que constroe ações de valorização das identidades étnicos raciais.

Nesse processo, me baseando na metodologia de Conceição Evaristo, no que diz sobre a dimensão subjetiva do existir negro, a condição enunciativa fraterna e as experiências de minhas subjetividades na construção da identidade étnico racial brasileira. Todos esses elementos são fundamentais e essenciais em uma perspectiva de vivência em um quilombo urbano e (re)construção identitária, pois eles me permitem essa reconexão ancestral com

África, e na umbanda, ainda não muito confortável com o sincretismo, mas compreendo que numa perspectiva negríndia brasileira é o que mais me representa nesse momento. Assim, reconhecendo esse espaço cultural, enquanto um local de afetividades e encontros com os diversos grupos formadores da sociedade brasileira, conseguimos avançar por meio de uma panorama de uma visão moderna e cosmopolita de quilombo. Modernizando e trazendo subsídios necessários que possa estruturar e materializar essa construção de uma forma encantadora possibilitando construir sentimentos de pertencimentos locais, dessa forma é possível uma valorização da cultura brasileira.

Assim a noção de Quilombo Urbano ligado a um espaço da construção de uma experiência transformadora na constituição da consciência étnico racial brasileira, é um espaço que se constitui como uma possibilidade de identificação e mobilização para parcela considerável da população negra, que buscam um agir coletivo.

No Quilombo Urbano, pode possibilitar a construção de uma identidade étnico-racial e a formação de uma consciência crítica, no sentido da desconstrução da ideologia dominante e elaboração de uma concepção de mundo voltada aos interesses dos grupos subalternizados, em especial a população negríndia local.

No delineamento de uma suposta “identidade nacional” e do que seria uma “cultura brasileira”, os(as) negros(as) e índios foram relegados a segundo plano. “Associa-se, desta forma, a questão racial ao quadro mais abrangente do progresso da humanidade. Dentro dessa perspectiva, o negro e o índio se apresentam como entraves ao processo de ordem e progresso, essa narrativa foi construída pelos grupos hegemônicos que nos coloca em posição de inferioridade.

A população negra, portanto, é estigmatizada visto que por conta de seu fenótipo, torna-se um grupo marcado, assimilando a ideia do que Francis Fanon diz em “os condenados da terra”. Enquanto estigmatizado ou grupo diferenciado, a partir do julgamento externo, a população negra é simples objeto, passiva perante as determinações da elite dominante que vem avançando novamente por meio dos grupos fascistas que pregam a hegemonia da raça branca por meio de um nacionalismo cego e culto de amor a bandeira nacional.

Nesse processo as minhas vivências enquanto uma intelectual negra, bacharel em turismo, mestrandia em preservação do patrimônio cultural, empreendedora e gestora do quilombo urbano, foram conquistas fundamentais para o processo de construção da minha identidade étnico racial, mas compreendo o processo um tanto desumanizador



para consegui-las . Entendo que nesse processo tive que conhecer os intelectuais negros, a literatura quilombola e os vários acessos que a mim foram fundamentais para compreender como devo me posicionar e ressignificar todos os processos de dores e apagamentos que foram cometidos a mim e meus irmãos negrândios.

Compreendo que a luta contra a colonização é uma luta pelo direito de existir respeitando a pluralidade dos povos formadores da diversidade brasileira. Mas é necessário compreender que nós somos a maioria nesse processo, e que não pode apagar e sufocar a existência representativa dos 3.524 quilombos existentes no Brasil e de acordo com informações na Fundação Palmares, esse número pode chegar aos 5 mil.

Nesse aspecto compreendi que ao fazer um mergulho intenso sobre a rica diversidade multicultural do meu país foram fundamentais para compreender minha dimensão subjetiva de existência negra, amor fraternal entre os meus iguais e nisso tudo se conecta a uma experiência transformadora da construção do meu eu em favor da coletividade, por mais que seja desafiador essa jornada ela me fortaleceu e permitir criar fortes laços afetivos ao meu país.

A construção da consciência étnico racial pode levar a população negrândia a organizar-se, a conscientizar-se e a mobilizar-se para interferir na realidade, como também poder ser apenas uma forma de lazer e diversão desvinculada de qualquer posição engajada, como ocorre em muitos lugares pelo país afora. No caso do “Quilombo Urbano”, dado o seu caráter organizativo, a primeira possibilidade é a que prevalece em seus discursos, em suas músicas, na sua arte urbana, enfim, em suas ações e reflexões.

Seguindo estes princípios a Casa Akotirene, na estrutura de um Quilombo Urbano, centralizado em ações e práticas antirracistas, constrói experiências na construção da consciência étnico racial brasileira em uma dimensão cosmopolita, por meios de iniciativas realizadas no espaço. Em defesa dos nosso território, direito de valorização do protagonismo de mulheres negras, direito da gente poder exercitar nossas religiões sem sermos atacadas, direito e respeito aos povos indígenas, pois todo esses povos são formadores da sociedade brasileira, que sofrem apagamentos, genocídios, massacres e violências nas várias esferas sociais, A nossa luta é histórica e resistimos pelo o direito de existir.

## REFERÊNCIAS

AL. **Alma Preta.** Disponível em:

<https://www.almapreta.com/editorias/o-quilombo/lima-barreto-e-a-autoestima-negra-contra-a-eugenia>. Acesso: 11/06/2020

BE. **Brasil Escola.** Disponível em:

<https://brasilecola.uol.com.br/religiao/diferenca-entre-candomble-umbanda.htm>. Acesso 10/06/2020

BOAVENTURA, S.S. **Biografia**

disponível em:

<http://www.boaventuradesousasantos.pt/pages/pt/cv-e-nota-biografica.php>. Acesso: 11/06/2020

CARNEIRO, E. RAMOS, A. **Uma Polêmica Esquecida:** Costa Pinto, Guerreiro Ramos e o Tema das Relações Raciais. Dados, Rio de Janeiro, v. 40, n. 1, p.1997.

EVARISTO, C. **“Escrevivência” em Becos da memória, de Conceição**

**Evaristo Belo Horizonte:** Mazza, 2006

FANON, Frantz. **Os Condenados da Terra.** Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005. FERREIRA

FBU. **Federação Brasileira de Umbanda.** Disponível em:

<http://www.fbu.com.br/Novo%20Site/menu/historia.html#content>.

Acesso 13/06/2020

HIP.HOP. Hip hop e educação popular em São Luís do Maranhão: **Uma análise da organização “Quilombo Urbano”** / Rosenvērck Estrela Santos. São Luís, 2007

INCRA: **Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária Diretoria de Ordenamento da Estrutura Fundiária Coordenação Geral de Regularização de Territórios Quilombolas – DFQ.** Abril 2017.

IS. ITAÚ SOCIAL. Edital: **Equidade Racial na Educação Básica: pesquisa aplicada e artigos científicos**: Ceert, Unicef, 2020.

KAWAHALA, E. GÓES, L. Abdias do Nascimento, **um exu libertador: Das teorias deste pensador negro a uma epistemologia de exu, subsídios para uma psicologia afrobrasileira**. Universidade Estácio Santa Catarina/ Universitário Estácio Santa Catarina, Brasil, Jan. 2017

MOURA, Clóvis. **Escravidão, colonialismo, imperialismo e racismo**. In: **AFRO- ÁSIA**, nº 14, Universidade Federal da Bahia, 1983.

NASCIMENTO, Abdias do. **O quilombismo/Abdias**. 2ª ed\_Brasília/ Rio de Janeiro: Fundação Palmares/OR Editor Produtor, 2002

PALMARES: **Fundação Cultural. Disponível:**

<http://www.palmares.gov.br/?p=3041> Acesso: 11/06/2020

SANTOS, A.B. **Colonização, Quilombos: Modos e Significados**. INCTI: 2015

SILVA, P. I. **Tambor de Mina: encantaria maranhense, história e memória**. IFB: 2019

THOMAS. E. SKIDMORE. **Preto no Branco: Raça e Nacionalidade no Pensamento Brasileiro**: Ed. Paz Terra, 1976

UFMG:- **Lobato e o 'choque das raças**.

Disponível em:

<https://ufmg.br/comunicacao/publicacoes/boletim/edicao/2051/lobato-e-o-choque-das-racas>. Acesso: 13/06/2020